

## FORMAÇÃO DOCENTE: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES INGRESSANTES NO ENSINO

Cristina Valentim Lira <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Tentando compreender os impactos nos recém-formados em pedagogia, em relação à diferença entre a formação docente e a realidade dentro da sala de aula, surgiu a inquietude de discutir se a formação docente atualmente está coerente com a realidade dentro das escolas tanto públicas como privadas. Este artigo tem como objetivo de discutir os impactos nos professores recém-ingressados na docência. Tem como referência uma pesquisa realizada com 13 estudantes recém-formados em pedagogia pela UFPB e ingressaram no ensino público e privado no município de Santa Rita-PB.

Tendo como instrumento de coleta de dados, entrevistas, foi instigado aos entrevistados se no momento de ingresso no ensino tanto público quanto privado, se eles se debateram com alguma política voltada para acolher esses indivíduos que estavam iniciando sua docência, além do impacto que eles tiveram entre sua formação na academia e a realidade com que eles tiveram que enfrentar.

O presente resumo apresenta alguns recortes das análises, ressaltando que esta pesquisa servirá de início para afunilar o tema.

### METODOLOGIA

Utilizamos a pesquisa qualitativa, pois “a pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (BOGDAN; BIKLEN, 1982, *apud* WOLCOTT, 1975. p.13).

A pesquisa qualitativa ajuda o/a pesquisador/a, a diminuir a distância entre ele/a o objeto de estudo assim facilitando a coleta e análise dos dados. Segundo Teixeira (2002, p. 137) “na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, [...]”. Neste sentido, tais procedimentos contribuem para pesquisa no intuito de nos aproximarmos do nosso objeto de pesquisa, as teorias, levando em consideração o contexto social.

Assim escolhemos trabalhar com a pesquisa qualitativa facilitando o contato com os/as entrevistados/as, e proporcionando obter as respostas aos nossos questionamentos propostos, tendo como instrumento de coleta de dados, entrevistas.

### DESENVOLVIMENTO

Vivemos numa sociedade que está em constante transformação, com a valorização da produtividade, e competitividade em vários aspectos da vida humana. A educação não se desliga desse véis. Pensar em educação, conseqüentemente pensamos na formação desses profissionais, já que os mesmos serão a ponte entre o conhecimento e o aluno, por isso se faz necessário essa formação de qualidade.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Graduanda pelo Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Pós- graduanda pela CECAP-ISCECAP. Cristina.liral@gmail.com;

Então o que podemos entender sobre formação? De acordo com Bandeira (2014), existem alguns conceitos que pode designar o termo formação, mas iremos afunilar para o aspecto da educação. O dicionário Aurélio traz que o termo formação entre seus significados o de construir, que por sua vez, “está em processo de interação e de transformação de conhecimentos” (BANDEIRA,2014). Neste sentido Freire (1996) se refere a formação como um “ofício” permanente que está sempre transformando.

“Decerto que a formação não se dá por mera acumulação de conhecimentos, mas constitui uma conquista tecida com muitas ajudas: dos livros, mestres, das aulas, das conversas entre professores, da internet, dentre outros. Além do mais depende sempre de um trabalho de teor pessoal. Parodiando Freire, ninguém forma ninguém, cada um forma-se a si mesmo”. (BANDEIRA, 2014 p.23)

Garcia (1999) traz em seu discurso que a formação de professores pode adotar diversos aspectos, isso será direcionado de acordo com o objeto da formação, ou a concepção do sujeito. Ainda de acordo com Garcia (1999) essa formação é dividida em três aspectos: a primeira dela é a função social, que pode caracterizar como uma transmissão de saberes, como conceitos atitudes e outros. A segunda é processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa, que se caracteriza como o processo de amadurecimento do conhecimento e suas possíveis experiências, e a terceira ele se refere a organização do sujeito, trazendo para o planejamento e o desenvolvimento de exercícios de formação.

A partir desse pressuposto, é possível compreender que,

“O conceito de formação é suscetível de múltiplas perspectivas, mas tem sido recorrente associar o conceito ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. O português Nóvoa (1997) aponta novas abordagens a respeito da formação de professores, saindo de uma perspectiva centrada na dimensão acadêmica para uma perspectiva no terreno profissional, pessoal e de organização, a partir do contexto escolar. Ele alerta, inclusive, que a formação de professores tem ignorado o desenvolvimento pessoal, confundindo “formar e formar-se” (BANDEIRA, 2014 p. 3)

Bandeira (2014) quando se trata de formação de professores, nos remetem ao componente pessoal que é um ponto intenso na formação, “não aderindo somente aspecto técnico-instrumental” (BANDEIRA, 2014, P.3), Zabalza (1999) também se refere ao componente pessoal onde:

O processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de plenitude pessoal. [...] Inclui problemas relativos aos fins e/ou modelos a alcançar, os conteúdos / experiências a assumir, às interações sujeito-meio, aos estímulos e plano de apoio no processo. Mantém relação com o ideológico-cultural, como espaço que define o sentido geral dessa formação como processo (ZABALZA e GONZÁLEZ apud GARCIA, 1999, p. 19)

Para entendermos essa concepção, Garcia (1999) traz três tradições de concepções a autoformação que se refere ao individuo independente nos processos da própria formação, a heteroformação que sofre interferência de especialistas sem maior envolvimento do sujeito, e a interformação que é compreendida como um ato educativo entre futuros professores assim aperfeiçoamento dos seus conhecimentos.

Neste momento retorno a nossa problemática: o que é formação de professores? Depois mergulhar um pouco em alguns teóricos, a visão de Garcia nos dá uma definição:

A formação apresenta-se nos como um fenômeno complexo e diverso sobre o qual existem apenas escassas conceptualizações e ainda menos acordo em relação às dimensões e teorias mais relevantes para a sua análise. [...] Em primeiro lugar a formação como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino treino, etc. Em segundo lugar, o conceito formação inclui uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta face a outras concepções eminentemente técnicas. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação (GARCIA, 1999, p. 21-22)

Sabemos que infelizmente a teoria está bem longe da prática em nossa realidade atual, ficando de responsabilidade do profissional de educação sempre buscar aprimorar sua formação. De acordo com BANDEIRAS (2014) “ aprender continuo é essencial em nossa profissão, devendo pois, o professor basear em sua pessoa enquanto sujeito e na escola enquanto lugar de crescimento profissional permanente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos teóricos abordam a formação docente, como Tedesco e Fanfani, 2004; Nóvoa, 2006; Nascimento e Reis, 2017 p.52, traz em sua fala que

“[...] os impactos dos meios de informação e comunicação, das novas configurações familiares, da incorporação da mulher ao mercado de trabalho, das mudanças nos modelos de autoridade, da banalização da violência, da desigualdade social e econômica, das tensões entre diferença e igualdade que acabam por implicar em uma multiplicidade de funções com reflexos significativos na prática docente.”

Partindo desse pressuposto, podemos ver o peso que a sociedade coloca sobre o professor no contexto atual, onde ele é “responsável” pela educação global da sociedade, onde sabemos que não é bem assim, e isto reflete diretamente em sua prática.

No primeiro momento da entrevista foi questionado aos entrevistados como foram suas formações no decorrer da graduação, obtive as seguintes falas:

“[...] foi só teoria, era Xerox e mais Xerox, aulas muito faladas[...]”.  
Entrevistado 1

[...] realmente foi muita teoria que hoje vejo que não precisava daquilo tudo, quando comecei o curso, pensei que ia aprender como dar aula, principalmente na Ed. Infantil que é minha área mas, não teve nada haver”.  
Entrevistado 2

É notório uma “coerência” na fala dos entrevistados que de uma forma ou outra traz em seu discurso que eles tiveram acesso a teóricos em sua formação docente, dando uma base a esses (na época) futuros docentes.

Quando indagados sobre essa teoria tão enfatizada anteriormente, a importância dela em sua formação docente:

“Acho sim, que foi importante, abriu um leque de possibilidades, mas é mais voltado pra quem faz parte de projetos de pesquisa, pra usar na sala de aula só tive 1 disciplina que de verdade ensinou como trabalhar na sala de aula”. Entrevistado 12

“Pensando agora não vi no que me ajudou, quando entrei na sala de aula tava pior que cego em tiro de rrs, por que tive que sair feito uma doida pesquisando como ia dar aula, vi muito vídeo no *you tube* por que na universidade eles só ensina pra quem vai fazer mestrado doutorado pra gente que vai pra sala mesmo, não ajudou não”. Entrevistado 7

Percebemos duas visões de início distintas, mas que se afunila e chega ao denominador comum, que de acordo com os entrevistados a teoria mesmo com sua importância em diferentes níveis, em suas realidades não os deu um suporte a aquela realidade que eles se depararam. Porém toda via, Freire (1996) afirma que a teoria não dita à prática, ou seja, temos que ter em mente que a teoria serve para mediar e ajudar a compreender de forma crítica assim o docente precisa da práxis, pois um sem a outra a docência não funciona.

Quando perguntado sobre o impacto que eles tiveram ao se deparar com a sala de aula, surgiram as seguintes falas:

“No primeiro dia quase desistir, não tinham nada haver com o que tinham aprendido na universidade, a realidade é totalmente diferente, o publico é diferente [...]”. Entrevistado 6

“[...] eu não entrei em pânico por que minha mãe é professora também então já sabia o que me esperava”. Entrevistado 1

“[...] eu sofri muito pensei que era não era capaz, por que mesmo com toda teoria, no curso tem muito sobre ed. Infantil e especial (educação), mas sobre o fundamental I tem pouquíssimo ou quase nada por isso esse problema que pra mim era tudo desconhecido”. Entrevistado 5

O impacto desses novos docente ao se deparar com sua realidade dentro da sala de aula gera uma inquietude, pois esperamos que no momento da formação contemple tais aspectos da sala de aula propriamente dita para que ao recém-formado tenham instrumentos para lidar com a sala de aula, e de acordo com os entrevistados eles não tiveram essa base. Como Freire nos remete que “[...] Não somos apenas objeto da História, mas seus sujeitos igualmente. A partir deste saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógico”. (FREIRE, 1996, pg. 89), diante disso Freire nos traz que o professor precisa da competência teórica para poder exercer sua prática. Mas, também não basta apenas à teoria como dita anteriormente, é necessário saber ensinar.

E este saber ensinar, que muitos recém-formados relatam que ao iniciarem o curso criaram uma expectativa que iriam aprender tais competências, algo que para maior parte dos entrevistados não ocorreu:

“[...] o curso todo é direcionado a pesquisa, que vai fazer mestrado e doutorado pessoas que às vezes nem entram em sala de aula que o curso de

pedagogia permite jamais deram aula, para nós que realmente vamos para sala de aula o curso não nos ensina nada [...]” Entrevistado 9

“Eu ainda tive a sorte de passar pela uma professora que ensinou mesmo a dar aula tanto *pro* infantil quanto fundamental se jogava no chão, utilizava material reciclável, diversas vezes fiz em sala o que aprendi com ela, mas só ela mesmo o resto não aproveitei”. Entrevistado 13

“[...] como já te disse o curso todo é só teoria, minha sorte que antes de entrar na UFPB fiz o pedagógico, se não saberia nem como ia fazer em sala de aula como vi muitas colegas perdidas”. Entrevistado 7

Neste momento já identificamos na pesquisa a insatisfação na formação por ter algumas lacunas, de não “ensinar a ensinar” como dito anteriormente, e os impactos nesses contatos. Porém não podemos de deixar de ressaltar que durante o curso existe o momento de estágio supervisionado, todos os entrevistado afirmaram que cursaram os estágios de gestão escolar, Ed. Infantil, anos iniciais do fundamental, EJA ou Educação especial, já que o currículo que eles cursaram deu a opção de área de aprofundamento em uma dessas duas áreas citadas anteriormente.

Quando foram questionados sobre esses aspectos, surgiram as seguintes falas:

“[...] nos estágios não atuei não por que a primeira coisa que todo professor falava que era só para observar, nunca podia ficar sozinha com a turma, então não vivi mesmo a realidade”. Entrevistado 9

“[...] é só uma vez na semana e mesmo assim a gente não pode fazer nada, por que as professoras só que o relatório, mas não dá uma direção concreta fala muito, mas quando chegamos lá tem nada haver, o bicho pega quando a gente assume a sala mesmo por que notamos que todas aquelas Xerox não vai nos dar uma solução ali”. Entrevistado 1

Notamos que os entrevistados não consideram em parte, o estagio como o inicio da docência, boa parte só considera que realmente exerce a docência no momento que é o professor responsável pela turma, ou seja, tem um peso moral em assumir uma turma por conta disso, os entrevistados consideram o inicio da sua docência no momento que concluíram seu curso e tornou-se professor titular de determinada turma.

Deixando claro que isso não é uma opinião unanime, pois sim, muitos docentes consideram os estágios na graduação como seu início na docência. SANTOS, (2008 p.34) traz em seu discurso que “o estágio é a porta para a docência, onde o individuo vai poder aprimorar seu conhecimento unindo com a prática”. Desde modo, notamos um descontentamento dos entrevistados com sua formação inicial, principalmente no quesito de dar uma base, mas semelhante a realidade em que depararam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascimento e Reis, 2017, nos remetem em seu discurso que há uma inexistência de política de qualquer âmbito para acolher esses novos indivíduos na docência, além da formação desses professores não criar condições favoráveis e adequadas para quem está em inicio de carreira. Conseqüentemente com essa “taxação” que a teoria não vai lhe

ajudar no seu cotidiano, muitos profissionais da educação deixa de lado a formação continuada objeto de extrema importância já que estamos inseridos numa sociedade em constante mudança e temos que nos acompanhar seu ritmo de mudanças.

Nesta pesquisa, é notório o descontentamento dos entrevistados sobre sua formação inicial, onde relataram as dificuldades que enfrentaram no início de suas práticas docentes. Eles iniciaram o curso de pedagogia, com expectativas em relação ao ensino dentro da sala de aula, ou seja, a prática docente em si, algo que foi dito anteriormente, grande parte da formação é voltada para a pesquisa, onde são pouquíssimas vagas, em comparação a quantidade de alunos que optam pelo curso.

A princípio podemos acarretar esse descontentamento por conta do impacto ao iniciar sua carreira na docência, por achar que está formado o indivíduo e conseqüentemente achar que está totalmente preparado para qualquer situação, quando se depara com uma sala de aula que não corresponde a sua formação, acarreta a culpa em sua formação inicial.

Está pesquisa ainda não está encerrada, ela é o ponta pé para essa investigação neste âmbito da formação inicial dos docentes, aonde nos últimos tempos vem sendo debatido em busca de melhorias.

**Palavras-chave:** Ensino; Formação de professores; Mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NASCIMENTO, Maria das Graças C. de Arruda; REIS, Rosemary F. dos. Formação docente: percepções de Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 1, p. 49-64, jan./mar. 2017

NÓVOA, António. Por que não fazemos aquilo que dizemos que é preciso fazer? In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PROFESSORES PRINCIPIANTES E INSERÇÃO PROFISSIONAL À DOCÊNCIA, 4., 2014, Curitiba. [Slide apresentado...]. Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2015.

SANTOS, S. Processos formativos e reflexivos: contribuições para o desenvolvimento profissional de professores. 2008. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

TEDESCO, Juan Carlos; FANFANI, Emilio Tenti. Nuevos maestros para nuevos estudiantes In: PREAL. Maestros en América Latina: nuevas perspectivas sobre su formación y desempeño. Santiago: San Marino, 2004. p. 67-80

BANDEIRA, Hilda. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICA REFLEXIVA 2014.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 51-76. \_\_\_\_\_. Formação de professores: para uma mudança educativa. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora. 1999.